

ENSINO DE BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL: o modelo norte-americano*

Francisco das Chagas de Souza**

Resumo

Trata-se de breve nota sobre pesquisa em andamento acerca do modelo de ensino de Biblioteconomia adotado no Brasil a partir de 1937.

Nos últimos anos, parte da literatura das Ciências da Educação vem apresentando um debate que demonstra uma preocupação dos pesquisadores da área acerca dos paradigmas que orientam o pensamento educacional. Embora com o risco de segmentar e compartimentar o referido pensamento, esses paradigmas uma vez construídos poderiam viabilizar bases para os pesquisadores orientarem sua compreensão dos fenômenos educacionais, possibilitando a formulação de propostas teóricas novas.

Tal esforço sugere que as Ciências da Educação estão buscando uma organização e embasamento na construção do seu conhecimento de modo a facilitar sua relação com a realidade social, uma realidade construída pelo homem, no seu dia-a-dia. Este esforço também sugere que as Ciências da Educação não descartam o esforço dos defensores das diferentes correntes educacionais que, num processo dialético, ansiam por uma produção em vias de definição de acesso ao conhecimento, visando às novas aplicações à pesquisa e à prática educacionais.

As idéias tidas como paradigmáticas nas Ciências da Educação, sustentam-se em raízes filosóficas diversas. Isso não significa que os paradigmas já “definidos” estejam inquestionavelmente consolidados e não se dividam em microcorrentes, as quais, substantivamente, contribuem para enriquecer o pensamento educacional.

Dentro da literatura das Ciências Educacionais, têm-se tornado mais evidentes três paradigmas: um denominado ora como analítico-empírico, ora como científico-tecnológico, ou ainda, como positivista que se centra na objetivação dos fenômenos da realidade; outro chamado de interpretativo e também de hermenêutico, centra-se na interpretação intersubjetiva da realidade, partindo do ponto de vista de que a realidade é uma construção social; e o terceiro, também com várias denominações, é mais conhecido como paradigma crítico que, partindo do mesmo ponto de vista tomado pelos defensores do paradigma hermenêutico, assegura ter um compromisso emancipatório, conduzindo os dominados a uma situação de conquista de uma melhor realidade.

Admitindo-se que esses paradigmas não são dominantes individualmente, mas dialetizam a realidade da qual são também produto, compreende-se que se aplicam a todos os campos da prática e da teoria educacionais e, portanto, podem contribuir para a análise da educação universitária. A medida que esta educação não é uma categoria à parte, mesmo que seu fim mais imediato seja a formação profissional, supõe-se que os paradigmas, quando utilizados para sua compreensão, guiem-se por circunstâncias que não ultrapassam as concepções pedagógicas mais amplas. Nesse sentido, então, estamos tentando partir da visão paradigmática para analisar a educação bibliotecária brasileira e explicar seus contornos, desvelando o seu lugar educacional.

* Pesquisa de Doutorado. A Tese, ora em desenvolvimento, está sendo orientada pelo Professor Doutor Francisco Cock Fontanella

** Professor Adjunto. Centro de Ciências Sociais da Educação/ Universidade Federal de Santa Catarina. Doutorando em Educação da UNIMEP - Piracicaba-SP

Assim, e tendo em vista o objeto de investigação, fizemos uma escolha que ancora a pesquisa no âmbito dos paradigmas hermenêutico/crítico. Por esta vertente estamos utilizando o Materialismo, enquanto teoria, e as relações intersubjetivas enquanto método de abordagem, compreensão e explicação do fenômeno que tomamos para o estudo.

O fenômeno pode ser denominado como a implantação do modelo norteamericano de educação bibliotecária, visando à implantação e expansão da Biblioteconomia Nova no Brasil.

Referido modelo foi implantado na década de trinta no Brasil e, ao ser importado, sofreu uma série de reduções que, deixando apenas a sua face tecnicista, cientificista, não recebeu no Brasil uma teorização que lhe desse a adaptação correspondente às características sócio-culturais existentes, além do que sua importação e implantação só podem ser compreendidas dentro de um enquadramento sócio-histórico existente no final do século e início deste, tanto no Brasil quanto no mundo.

Tal período foi fértil em fatos que geraram profundas alterações históricas, em todos os setores da atividade e da vivência humana, de tal sorte que interferiram em todas as decisões políticas e sociais e, também se refletiram em novos níveis de educação e campos profissionais especializados no Brasil.

Por isso, ao ser implantado no país apenas pelo seu veio tecnicista, sem uma teorização de fundo social que provocasse sua adaptação e transformação, adequando-o à sociedade brasileira, nas suas diversas frentes (econômica, social, administrativa, política, educacional etc), o modelo de educação bibliotecária norte-americano, massificador, cientificista e tecnicista veio a ser degradado pelos modernistas do Estado brasileiro responsáveis pelo ingresso e manutenção hegemônica do modelo. Este fato será também aprofundado na pesquisa visando ao levantamento e à análise dos diversos aspectos presentes na realidade concreta, contribuindo assim, para a mencionada degradação.

Entretanto, mesmo degradado e insuficiente para atender positivamente às exigências da realidade brasileira, o modelo vem sobrevivendo. Mas, essa sobrevivência tem um custo social que pode ser discutido sob diferentes ângulos. Daremos, contudo, especial ênfase ao levantamento e à análise dos fatores que asseguram a permanência em prática do modelo. Vários desses fatores são comandados internamente pela categoria profissional bibliotecária, a partir do Estatuto Legal de Profissão, amparado pela Lei Brasileira.

Além desses, pretendemos levantar outros que, mesmo externos à categoria profissional bibliotecária, apóiam a manutenção da situação por uma espécie de inércia social que vem sendo construída secularmente pela forma ditatorial de como se comportam os detentores dos mais altos cargos dos poderes Executivo e Legislativo no País.

Mas, além da compreensão do fenômeno, importaria talvez sugerir que outros modelos, outras possibilidades, podem ser constituídas para a educação bibliotecária no Brasil. Se considerarmos que o modelo, atualmente hegemônico, destruiu um modelo de ensino antes praticado no país pela Biblioteca Nacional, podemos compreender a extensão da experiência possível, podemos imaginar que não há apenas uma única via. Certamente, dá para imaginar que a transformação social (que nos últimos dez anos ocorre no Brasil) e as experiências de ensino de Biblioteconomia (que se desenvolvem na Comunidade Européia e em outros países, fora da órbita norte-americana, e até mesmo nos Estados Unidos) poderão oferecer lições para nossa avaliação.

Esta orientação de trabalho faz-nos pensar nas relações intersubjetivas como importante via para a compreensão da realidade. À medida que modelos são produzidos, derrubados, refundidos, eles supõem processo, integração e também disputa de visões de mundo. Embora processos decorram de buscas visando ao alcance de metas idealizadas, são também diálogo entre partes. Embora tenham a expectativa de alcançar e compreender totalidades sociais, eles também tendem a isolar parcelas da realidade. Espécies de totalidades virtuais que, continuamente trabalhadas, poderão produzir a construção de totalidades mais amplas ou totalidades globais. Em casos como o do fenômeno em estudo, a busca do melhor modelo parece que se dá por combate interno, com a refundição de modelos, ou por combate externo, com a derrubada de modelos já praticados no interior de uma determinada sociedade, como foi o caso do ensino de Biblioteconomia na realidade

brasileira anterior aos anos trinta. Esses combates, internos e externos, são também diálogos entre paradigmas que, individualmente, são defendidos como melhores. Mas o que fiz desses paradigmas os melhores sendo a capacidade que têm de produzir melhor satisfação aos interesses de quem toma decisões políticas? Situada uma contradição, é preciso perceber que os contornos de tais paradigmas não resultam de análise de um contexto social mais amplo nem necessariamente da interpretação das legítimas necessidades de toda a população, mas sim do atendimento a quem detém o poder decisório, numa realidade dada. Essa contradição não exclui a ocorrência de lutas maiores, reais envolventes, gerando conflitos entre posições político-científicas e exarcebando os radicalismos. No caso em estudo, não foi feita ou não é sistematicamente travada uma luta sem trégua, porque a legislação profissional que se estabelece ampara legalmente aos formados pelo modelo de ensino anteriormente praticado. Estes se acomodam pela cooptação e configura-se o mecanismo relacional, da mútua convivência dos contrários. Esses contrários que são reais, neste caso, os dois grupos que desenvolvem a prática bibliotecária, um com preparação educacional sob um modelo anterior, o outro portador da nova forma de educação, se vêem na contingência de conviver profissionalmente. Isto não exclui a circunstância de continuarem a perceber-se como contrários. E o que é isto? É sentirem-se num confronto, construtivo ou não, mas buscando uma síntese. Isso significa, em última instância, que ambos existem, de fato, na realidade concreta e, portanto, a hegemonia de um pode significar a morte ou a acomodação do outro. Se o modelo que se tornou hegemônico por via legal, torna-se socialmente mais adaptado, está mais de acordo com o padrão aceito ou imposto na sociedade – o que parece ter-se dado no caso – ou seja, de enquadramento na Lei, restará ao outro modelo e a seus defensores pouca escolha. Assim, para estudarmos a questão, entendemos que a intersubjetividade servirá melhor à compreensão do fenômeno.

Por fim, ressaltamos que o foco principal de estudo deve ser o de analisar o problema concentrando-se no desvelamento dos fatores que determinaram:

a) a implantação do modelo norte-americano de ensino de Biblioteconomia na década de trinta; b) sua sustentação ao longo de mais de meio século; e c) sua degradação frente à realidade brasileira atual.

Para isso, estamos utilizando como recursos informacionais para a pesquisa a documentação existente sobre o tema em bibliotecas e arquivos no Brasil; a literatura brasileira e norte-americana sobre educação bibliotecária, e a literatura educacional adequada ao entendimento do fenômeno e da teoria indispensável ao prosseguimento do trabalho. Com isso, esperamos que, ao final, a tese contribua para a produção de novas alternativas de compreensão e realização da educação bibliotecária no País.

LIBRARY SCIENCE TEACHING IN BRAZIL: the north-american model

Abstract

This is a brief report on a research project concerning the model of Library Science teaching adopted in Brazil in 1937.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGER, Peter E, LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade:** tratado de sociologia do conhecimento. Trad. Floriano de Souza Fernandes. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. 247 p.

ESCARBAJAL DE HARO, Andrés. El futuro de la pedagogía social en España a luz de las aportaciones de Alemania e Italia. **Anales de Pedagogía**, (Universidad de Murcia), n. 9, 1991. p. 115-138.

PALAZON ROMERO, Francisco. El educador tecnólogo o investigador? **Anales de Pedagogía**, (Universidad de Murcia), n. 9, p. 197-241, 1991.

SAEZ, J, GONZALEZ, A. De la teoría a la práctica: análisis comparado de tres modelos de pensar la educación. **Anales de Pedagogía**, (Universidad de Murcia), n. 9, p. 139-172, 1991.